

**ESCRITA DE SI E LOUCURA:
NARRATIVAS, CORPO E EMOÇÃO**

Mariana Lamenha Farinha de Oliveira (UNIGRANRIO)

marianalamenha@unigranrio.br

Daniele Ribeiro Fortuna (UNIGRANRIO)

drfortuna@hotmail.com

RESUMO

Este texto tem como objetivo analisar como escritores da literatura brasileira contemporânea lidam com a doença mental em seus livros. Para tanto, a partir da leitura, análise e comparação dos livros “Todos os cachorros são azuis”, de Rodrigo de Souza Leão, e “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”, de Stela do Patrocínio, organizado e apresentado por Viviane Mosé a partir de narrativas orais de Stela gravadas durante seu período de internação no manicômio, procurou-se entender não só como os escritores lidavam e eram afetados por suas enfermidades como também de que maneira falavam sobre elas. Procurou-se, ainda, responder quais os percalços enfrentados pelos protagonistas das obras e o que diziam sobre seus corpos e suas emoções.

Palavras-chave:

Emoção. Loucura. Escritas de si.

ABSTRACT

This text aims to analyze how contemporary Brazilian literature writers deal with mental illness in their books. To do so, based on the reading, analysis and comparison of the books “Todos os cachorros são azuis”, by Rodrigo de Souza Leão, e “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”, by Stela do Patrocínio, organized and presented by Viviane Mosé, based on narratives by Stela recorded during her period of hospitalization in th asylum, sought to understand not only how these writers dealt with and were affected by their illnesses but also how they talked about them. It was also sought to answer what are the mishaps faced by the protagonists of the works and what they said about their bodies and their emotions.

Keywords:

Emotion. Madness. Self writing.

1. Introdução

Este artigo traz os resultados do projeto de pesquisa “Escritas de si e loucura: narrativas, corpo e emoção”, desenvolvido com bolsa de Iniciação Científica da Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior Particular (Funadesp). O objetivo foi dedicar-se à análise de obras escritas por autores que afirmam ser loucos na literatura brasileira

contemporânea. Como estudo de caso, selecionamos os livros “Todos os cachorros são azuis”, de Rodrigo Souza Leão, e “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”, de Stela do Patrocínio, organizado e apresentado por Viviane Mosé a partir de narrativas orais de Stela gravadas durante seu período de internação no manicômio.

Como considera Philippe Lejeune (2014), as escritas de si – diários, autoficção, cartas, autobiografia e até poesia – se constituem num espaço de desabafo e resistência. Assim, ao escreverem sobre sua doença, esses escritores parecem ter conseguido lidar melhor com o mal que os acometia. Além disso, compartilharam com o papel suas emoções e impressões sobre o seu corpo: como eram afetados pela doença? O que escreveram sobre ela? Quais os percalços enfrentados pelos personagens?

Ao longo da pesquisa, foram realizadas leituras com o objetivo de responder as questões acima. Foi realizada também uma comparação entre as duas obras, de forma a tentar perceber o que apresentam em comum. Além disso, por se tratar de um projeto interdisciplinar, foram feitas leituras teóricas e discussões de textos que se relacionam à loucura e à literatura, notadamente, as escritas de si.

Assim, com base em discussões teóricas sobre corpo, loucura e escrita, os textos de Rodrigo de Souza Leão e Stela do Patrocínio são analisados.

2. *Corpo e escrita e loucura*

Em artigo sobre Lima Barreto e Antonin Artaud, a pesquisadora Luciana Hidalgo (2008) classifica os diários escritos por eles durante internação no manicômio como “literatura de urgência”. Segundo Hidalgo (2008, p. 229), “a literatura de urgência estrutura-se numa espécie de desdobramento da escrita de si, realizada sob estado de emergência”. Seu objetivo seria a tentativa de um resgate de identidade de um corpo sem lugar (Cf. FORTUNA, 2016) na sociedade.

Referindo-se a Foucault, Daniele Ribeiro Fortuna (2016, p. 177) afirma que “o corpo foi é objeto e alvo de poder e, por isso, precisa ser controlado, para que seja útil e inteligível: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” (FOUCAULT, 1977, p. 126).” A autora ressalta que:

o comportamento corporal deve ser disciplinado, contido, para que suas reações sejam calculadas, e todos os objetivos traçados sejam facilmente

alcançados. Corpos dóceis para uma vida organizada e sem percalços inesperados. (FORTUNA, 2016, p. 179)

Nesse sentido, David Le Breton (2011, p. 145) considera que “a partir das ações diárias do homem, o corpo se faz invisível, ritualmente apagado pela repetição incansável das mesmas situações e a familiaridade das recepções sensoriais”. De fato, o autocontrole é muito importante no comportamento corporal: é preciso seguir o que é aceitável e, na verdade, acabamos por aprender como devemos nos comportar em função da disciplina e da repetição.

Para Le Breton (2011) ainda:

Nas condições habituais da vida, o corpo é transparente ao ator que o habita. Ele desliza com fluidez de uma tarefa a outra, adota gestuais socialmente aceitáveis, faz-se permeável aos dados do ambiente por meio de um tecido contínuo de sensações. (LE BRETON, 2011, p. 147)

Assim, cada vez mais, o corpo se transforma em objeto: “O corpo não é mais um destino ao qual nos abandonamos, ele é um objeto que fabricamos à nossa maneira” (LE BRETON, 2011, p. 247). E os corpos que, de alguma maneira, fogem aos padrões considerados socialmente adequados, muitas vezes, devem buscar estratégias para lidar com esta “inadequação”. A escrita é uma delas, pois, como afirma Leader (2013, p. 65), “através da linguagem, o simbólico entra no real de nosso corpo e o organiza para nós”. Escrever, então, seria uma forma de organizar corpo e emoções. Isso se torna ainda mais verdadeiro quando se trata de corpos afetados pela doença mental, que, na maioria das vezes, se encontram à margem da sociedade.

João Frayze-Pereira (1984) afirma que

[...] crer numa loucura localizada no indivíduo e emprestar ao louco uma vestimenta que o transfigura em monstro não só tende a retirar-lhe o estatuto de humanidade, como também a nos fazer esquecer que algo se diz através da loucura.

A fala do louco nem sempre tem credibilidade. Trata-se de um corpo que deve ser docilizado e calado, porque o que diz não tem validade. A propósito, Antonin Artaud, artista e pensador internado em hospício durante nove anos, entre 1937 e 1946, escreveu:

E o que é um autêntico louco? é um homem que preferiu enlouquecer, no sentido em que socialmente se entende a palavra, a trair uma certa ideia superior de honra humana. Eis por que a sociedade condenou ao estrangulamento em seus manicômios todos aqueles dos quais queria se livrar ou contra os quais queria se defender, pois eles haviam se recusado a acum-

plciar-se com ela em certos atos de suprema sujeira. Pois um louco é também um homem a quem a sociedade não quis ouvir e a quem quis impedir a expressão de insuportáveis verdades”. (ARTAUD *apud* FRAYZE-PEREIRA, 1984, p. 11)

Por isso, a escrita, para os loucos, pode se transformar em um instrumento muito poderoso. Ao longo da dissertação *Autoficção e loucura em Todos os Cachorros são Azuis, de Rodrigo de Souza Leão*, Laura de Oliveira Santos Alves (2018) não só cita o romancista e crítico literário Silviano Santiago, como também compartilha o entendimento do escritor a respeito da “escrita de si” de alguém socialmente marginalizado:

Ao contrário do entendimento da escrita de si como prática narcisista, para Santiago, o texto autobiográfico pode ser um urgente lugar de fala das minorias representativas que encontram uma expressão potente de reparação histórica e de lutas pelas conquistas de direitos das classes reprimidas na modernidade (o negro, o índio, a mulher, os homossexuais e os ditos loucos). (ALVES, 2018, p. 21)

As escritas de si teriam, então, um importante papel social. Escrever não apenas para de desabafar, resistir, rememorar, mas também para que o registro dessas vidas se constitua em verdadeiros testemunhos de corpos “disciplinados” pelas instituições – hospitais e prisões, por exemplo – ou até a miséria. Nesse sentido, os textos de Rodrigo Souza Leão e Stela do Patrocínio são um exemplo: o depoimento de corpos que viveram o processo de tornarem-se dóceis, como considera Foucault (1977), mas cuja escrita revela que não sucumbiram totalmente. É o que veremos no item que se segue.

3. A escrita dos corpos loucos

Antes de darmos início à análise das obras de Rodrigo Souza Leão e Stela do Patrocínio, é fundamental explicarmos um tipo específico de escrita de si, utilizada por Leão, a autoficção. Este conceito foi proposto por Julien Serge Doubrovsky, segundo o qual (1980 *apud* GASPARINI, 2014)

A autoficção é a ficção que decidi, como escritor, produzir de mim mesmo e para mim mesmo, incorporando a ela, no sentido pleno do termo, a experiência da análise, não somente do que diz respeito à temática, mas também à produção do texto. (DOUBROVSKY, 1980 *apud* GASPARINI, 2014, p. 191)

Assim, o autor relataria fatos e passagens da sua vida em forma de ficção. Muitas vezes, um dos personagens seria o *alter ego* do autor ou,

em alguns casos, ele se colocaria como o próprio narrador. No que diz respeito ao gênero, a autoficção pode ser encontrada em romances, contos e até poemas.

No caso de Stela, a escritora teve sua fala gravada e o resultado transformou-se em textos de poesia. Embora seja mais comum em prosa, as escritas de si, segundo Lejeune (2014), também podem ser encontradas em formato de poemas.

Ao longo de suas obras, tanto Stela do Patrocínio quanto Rodrigo de Souza Leão – ambos já falecidos – mostram de que maneira lidavam com suas enfermidades, como eram afetados por elas e pelos medicamentos que, teoricamente, controlavam seus sintomas. Além disso, através de seus relatos, os escritores também compartilham parte dos percalços enfrentados, não apenas pelos “personagens” principais – seus prováveis alter egos – como também pelo restante dos “loucos”.

Antes de mais nada, é necessário lembrar que, apesar da poetisa e do jornalista terem sido diagnosticados como “doentes mentais” em épocas próximas, Stela e Rodrigo pertenciam a classes sociais e etnias diferentes, fato que influenciou diretamente na maneira como foram tratados pelas instituições em determinados momentos. Enquanto a família de Rodrigo de Souza Leão acompanhou todas suas internações, o visitou e cuidou para que ele recebesse o melhor tratamento possível, Stela do Patrocínio foi levada a força quando caminhava na rua em Botafogo, bairro da zona sul do Rio de Janeiro, e, ao que consta dos registros, nunca teve o direito de deixar o manicômio.

Stela era uma mulher preta, pobre e, devido ao abandono familiar, recebeu o *status* de indigente. Depois de seu diagnóstico e de sua internação, passou a viver à mercê de enfermeiros, médicos e auxiliares que nem sempre zelavam por sua integridade. Rodrigo, por sua vez, tinha uma família cuidadora, um pai médico – com especialização em psiquiatria – e uma mãe dedicada e presente.

É evidente que a presença familiar não privava o escritor e jornalista dos incômodos de uma internação num espaço manicomial, mas talvez a ideia de ter um lugar para voltar amenizasse o “impacto”. A falta do direito de ir e vir a qualquer hora e o desconforto gerado por esta condição afetavam Rodrigo e isso parece extravasar em seus relatos. Em um trecho de “Todos os cachorros são azuis”, Leão chega a afirmar que já está há um bom tempo em sua “jaula” e se questiona sobre quando poderá ficar com os outros. Declara também que sua boca está fechada por

uma mordaca e seus pés estão amarrados. Ainda que a família de Rodrigo Souza Leão cuidasse de sua saúde, no manicômio, a situação era um pouco diferente. De acordo com os relatos do escritor, o descumprimento das “regras” da instituição era passível de punição.

Neste ponto, é relevante sinalizar que, apesar das diferenças, Patrocínio e Leão partilhavam de um mesmo incômodo. Ambos se sentiam aprisionados, Stela pelos muros da Colônia Juliano Moreira, Rodrigo pelas paredes do cubículo onde ficava quando era internado no manicômio.

Por conta da diversidade da linguagem, modos e níveis de instrução diferentes, os artistas apresentavam modos narrativos muito específicos. Leão, apresentava ideias e relatos de forma mais explícita e direta, o que facilitava a compreensão da mensagem. Patrocínio, por sua vez, transmitia sua mensagem de maneira mais específica, por meio de uma fala que, embora poética, era bastante direta. Ainda assim, ambos conseguiram encontrar suas maneiras de partilhar suas vivências. Enquanto em “Todos os cachorros são azuis”, o escritor deixava que os sintomas de suas doenças – esquizofrenia paranoide e transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) –, transparecessem através de seus relatos, Stela o partilhava, por vezes, de maneira bem mais “direta”.

Em seu livro, Leão (2008) afirma:

Eu continuava com a minha paranoia e com o meu chip implantado dentro de mim. Tinha engolido um grilo aos 15 anos. E com seis, fui visitado por extraterrestres que me buscariam em casa aos 18. Já havia passado dez anos e os extraterrestres não vieram me buscar. Fronskey não veio me buscar. O chip é para a CIA e a KGB me dominarem. Sou importante, porque sei peidar sem sentir o próprio cheiro. Desenvolvi uma técnica de filtragem. Brincadeiras à parte, sempre me senti um ser perseguido. Ando nas ruas sempre olhando para trás e de vez em quando saio em desabalada correria. (LEÃO, 2008, p. 24)

Sua forma de falar sobre a loucura é por meio da fantasia. Para se referir ao delírio persecutório, muito comum em pacientes que sofrem de esquizofrenia (Cf. BIERNATH, 2019), o escritor descreve situações bastante inusitadas, para, em seguida, reafirmar a situação de sentir-se constantemente perseguido.

Já Stela se refere à loucura da seguinte maneira:

Me ensinaram a viver / Me ensinaram a fazer o bem e o mal / Escolher entre o bem e o mal / Estou começando a passar mal / Mal do cérebro? / Tô sim, tô começando a passar mal do cérebro / Da cabeça, tô me sentindo fodida (PATROCÍNIO, 2009, p. 78)

A escritora é mais direta, mais contundente. Neste trecho, não utiliza metáforas, não descreve imagens. Vai direto ao ponto. Nua e crua como sua condição.

Mesmo estando em centros manicomial diferentes, Stela e Rodrigo concordavam também sobre a falta de credibilidade que a sociedade, em geral, costuma atribuir a um doente mental. Ainda que Leão, teoricamente, tivesse mais voz do que Patrocínio, por conta de sua família e sua posição social, suas falas continuavam sendo alvo de questionamentos. Em um determinado trecho de “Todos os cachorros são azuis”, desabafa:

Ele é doente mental, esquizofrênico. Tem distúrbio delirante, tem delírios persecutórios. Ninguém acredita numa pessoa com distúrbio delirante e delírios persecutórios. Aquela pessoa pode estar sendo perseguida realmente e ninguém acreditar na história dela. (LEÃO, 2008, p. 32)

Já Stela afirmava:

Eu já não tenho mais voz / Porque eu já falei tudo o que eu tinha que falar / Falo, falo, falo, falo o tempo todo / E é como se eu não tivesse falado nada / Eu sinto fome matam minha fome / Eu sinto sede matam minha sede / Fico cansada falo que tô cansada / Matam meu cansaço / Eu fico com preguiça matam minha preguiça / Fico com sono matam meu sono / Quando eu reclamo (PATROCÍNIO, 2009, p. 142)

Neste trecho, a poetisa parece se referir a situações em que não é ouvida e, provavelmente, até seja medicada. Ao ser dopada, não reclama. Sua voz, de uma maneira ou de outra, é sempre ignorada.

Após a leitura das obras de Rodrigo de Souza Leão e de Stela do Patrocínio, é possível afirmar que ambos os textos falam muito de solidão, mas não se limitam a isso. As produções expressam, também, desejo, desgosto, tristeza e saudade. Ainda que, de modo geral, Stela não aborde explicitamente sentimentos e emoções em seu falatório, é possível perceber alguns deles como no trecho em destaque abaixo, em que a poetisa parece demonstrar desalento, desgosto e muita solidão:

Eu não queria me formar / Não queria nascer / Não queria tomar forma humana / Carne humana e matéria humana / Não queria saber de viver / Não queria saber da vida / Eu não tive querer / Nem vontade pra essas coisas / E até hoje eu não tenho querer / Nem vontade pra essas coisas (PATROCÍNIO, 2009, p. 69)

No que diz respeito às emoções de Rodrigo de Souza Leão, em sua primeira obra lançada, também vemos o autor transitando, como Stela, por tristeza e solidão. Observamos ainda as saudades de casa, associa-

da à alimentação – a falta das frutas e das comidas de que gostava:

Eu estava ali há dez dias. Há dez dias que comia mal. Pelo menos ia emagrecer. Tinha saudade da comida de casa. Quando não tinha goiabada não havia nada de que gostasse. Mesmo que grudasse nos dentes, era boa. Lembrava infância. Lembrava o nordeste. Eu queria comer uma maçã. Há muito tempo que não tinha uma maçã. Fruta ali era banana. Eu queria maçã, abacate. Estava seco por uma vitamina de abacate. (LEÃO, 2008, p. 27)

O escritor fala, ainda, dos sanduíches de atum, levados pela mãe, dos bons livros lidos em dias frios (e em dias de calor também) e de seu quarto. Mais para frente, Leão demonstra tristeza ao descobrir que os remédios coloridos engordam e fazem com ele conviva cada menos com os amigos Rimbaud e Baudelaire. Ao ser medicado, ele não consegue ler nem se concentrar.

Sua condição de doentes mentais tornou Stela do Patrocínio e Rodrigo de Souza Leão marginalizados e – ainda que, como afirmamos anteriormente, em proporções diferentes em função de sua posição social, sua cor e seu sexo –, discriminados. Possivelmente, fizeram uso da literatura de emergência para resgatar a identidade de um corpo sem lugar. Cabe, neste ponto, citar Michel Foucault (1977) para lembrarmos que o corpo é, usualmente, tido como objeto e alvo de poder. Por conta disso, precisa ser controlado – para que seja útil e dócil – e, desta maneira, transformado e aperfeiçoado sempre que necessário.

Corpos que se “curvam” diante de coerções podem ser corrigidos e serão tidos como dóceis. Já corpos que desobedecem, resistem, não se encaixam no padrão estabelecido, não seguem o que é tido como aceitável, tendem a ser excluídos – e foi o que aconteceu com Stela do Patrocínio e com Rodrigo de Souza Leão. Relatos de ambos levam à conclusão de que a dupla não só entendia que fazia parte de uma minoria como também se sentiam menosprezados por isso, como pode ser observado nos dois trechos destacados abaixo:

[...] Uma enfermeira disse que eu era até bonitinho, mas precisava perder uns quilinhos. Eu podia fazer o programa das Casas da Banha. Vou dançar o chachachá. Casas da Banha. Era um porco. Suíno. Sujo. Não tinha noção do que era degradante. Mas um dia, sem dúvida, ia criar alguma espécie de biodegradado, remover minhas impurezas e ficar limpinho. Limpo por fora. Por dentro estaria sempre com aquelas marcas que os animais deixam, das mordidas. Com hematomas na alma. Estaria sempre me procurando e encontrando pedaços aqui e acolá. (LEÃO, 2008 p. 19)

Também com hematomas na alma, Stela, da mesma forma, se refere à limpeza para falar de como se sente fora de lugar e sem autoestí-

ma: “Eu queria brilhar ser limpinha gostar de limpeza / Gostar do que é bom gostar da vida / Saber ser mulher da vida / Dar a vida por alguém que tivesse morrendo / Que tivesse doente / Fazer meu papel de doutura” (PATROCÍNIO, 2009, p. 152)

Sua baixa autoestima resvala para um autodesprezo, um nojo de si mesma e de seu corpo. Se ninguém a ama, se ninguém a quer, ela também não se ama. Sente-se um verme desprezível:

Eu sou mundial podre / Tudo pra mim é merda durinha à vontade / Até ser contaminada e contaminada até ser merda pura / E é merda fezes excremento bosta cocô / Bicha lombriga verme pus ferida vômito escarro / Porra / Diarreia disenteria água de bosta e caganeira (PATROCÍNIO, 2009, p. 123)

Apesar desse menosprezo por eles mesmos, Stela e Rodrigam encontram força e voz na escrita. Em alguns momentos, a poetisa parece encontrar sua voz. Quando ela entende que seu falatório está, por fim, contando uma história, denunciando um sistema que precisa mudar, ela floresce e assume seu posto:

Nós estamos sentados numa cadeira procurando mesa / Procurando falatório/ Procurando gravar o falatório todo / E eu antes não sabia de nada disso / Isso tudo pra mim é velho / E eu não sabia de nada disso / Não tinha uma noção uma ideia / Do que era isso tudo / Não tinha / Aprendi quando vocês vieram me visitar (PATROCÍNIO, 2009, p. 138)

4. Considerações finais

Por não obedecerem a um determinado padrão, imposto pela sociedade e não se enquadrarem no modelo que era considerado “adequado” pelo senso comum, Stela do Patrocínio e Rodrigo de Souza Leão não tinham corpos dóceis. Agiam como resistência e não possuíam, de fato, um lugar na sociedade.

A análise das obras “Todos os cachorros são azuis” e “O reino dos bichos e dos animais é o meu nome” nos permite concluir que os textos tratam de enfermidades, mas, acima de tudo, trazem voz para um grupo que, por muito tempo, foi – e continua sendo – marginalizado em virtude da doença. Ainda que Stela do Patrocínio e Rodrigo de Souza Leão, assim como escritores como Maura Lopes Cançado e Lima Barreto, tenham sido julgados, com base numa cultura limitante e excludente, como “incapazes”, eles não só contribuíram para a literatura brasileira como também permitiram, por meio de sua escrita, que hoje, mais de 20

anos depois da aprovação da Lei Paulo Delgado (lei nº 10.216, sancionada em 2001, que propôs mudanças no que se referia à assistência em saúde mental e psiquiatria), seja possível conhecer – e entender – o que se passava por trás dos muros dos manicômios e o quão necessária foi a luta antimanicomial.

Por fim, podemos dizer que o texto, para esses escritores, se constituiu num espaço de resistência e desabafo. Assim, encontraram na escrita – e no “falatório” – o escape momentâneo à pressão social, uma espécie de refúgio. Além disso, suas obras permitiram que os leitores pudessem conhecer suas trajetórias, suas lutas e seu lugar de fala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Laura de Oliveira Santos Alves. *Autoficção e loucura em Todos os cachorros são azuis, de Rodrigo de Souza Leão*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras. Programa de Pós Graduação em Literatura e Cultura, Salvador, BA, 2018. 154p.

BIERNATH, André. O que é esquizofrenia: sintomas, diagnóstico e tratamento. Veja saúde, 2019. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/o-que-e-esquizofrenia-sintomas-diagnostico-e-tratamento/>. Acesso em: 25 mar 2022

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FRAYZE-PEREIRA, João. *O que é loucura?*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GASPARINI, Philippe. *Autoficção é o nome de quê?* In: NORONHA, J. (Org.). *Ensaios sobre a autoficção*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

LEADER, Darian. *O que é loucura?: Delírio e sanidade na vida*. São Paulo: Zahar, 2013.

LEÃO, Rodrigo de S. *Todos os cachorros são azuis*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PATROCÍNIO, Stela do. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome – Stela do Patrocínio*, Viviane Mosé (Org.). Rio de Janeiro: Azougue, 2001.